



*O Gigante Egoísta*¹

TODA A TARDE, enquanto retornavam da escola, as crianças costumavam ir a brincar no jardim do gigante. Era um vasto jardim e amável, de uma grama suave e verde. Aqui e acolá ficavam pela grama belas flores, como estrelas, e havia doze pessegueiros, que na primavera despontavam em flores delicadas, de cor rosa e pérola, e no outono frutificavam preciosos frutos. Os passáros repousavam sobre as árvores e cantavam com tal doçura que já tinham as crianças por costume parar os brinquedos para ouvi-los. “Quão felizes somos aqui!” elas diziam entre si.

Certo dia, o gigante retornou. Ele saíra a visitar seu amigo Cornílio, o ogro, e permaneceu sete anos com ele. Depois desses anos, ele tinha dito tudo quanto tinha a dizer, posto que era limitada a sua conversa, e decidiu retornar ao seu próprio castelo. Quando chegou, ele viu as crianças brincando no jardim.

“Que fazeis aqui?” clamou em tom muito áspero, e dispersaram-se as crianças.

“Meu jardim é o meu jardim”, disse o gigante; “todos podem entender isso, e não permitirei que ninguém brinque nele senão eu mesmo.” Então, ele edificou uma muralha, circundando todo o jardim, e posicionou um letreiro.

INVASORES SERÃO CASTIGADOS

Ele era um gigante muito egoísta.

As crianças tristes agora não tinham mais onde brincar. Elas tentaram brincar na estrada, mas a estrada era muito cheia de poeira e de pedras duras, e elas não gostaram disso. Elas costumavam vagar ao redor da muralha, quando suas aulas eram terminadas, e falar sobre o belo jardim encerrado dentro dela. “Como éramos felizes lá”, suspiravam uma para outra.

Então veio a primavera, e por todo o país havia florzinhas e passarinhos, apenas no jardim do gigante egoísta permanecia o inverno. Como não havia crianças em seu jardim, lá os pássaros não cuidavam de cantar, e as próprias árvores esqueceram-se de florescer. Certa vez, uma bela flor ostentou sua cabeça para fora da grama, mas quando viu o letreiro, tanto se compadeceu das criancinhas que se escondeu outra vez, dentro da terra, e então foi-se a dormir. Os únicos felizes eram a Neve e a Geada. “Esqueceu-se a primavera deste jardim”, ambos bradavam, “então aqui viveremos por todo o ano.” A Neve cobriu a grama com seu grande e alvo manto, e a Geada esmaltou de prata todas as árvores. Então eles convidaram o Vento do Norte para permanecer com eles, e ele veio. Ele estava envolvido por casacos de pele, e rugia todo o dia pelo jardim, e derrubou os chapéus da chaminé. “Este é um espaço delicioso”, ele disse, “devemos convidar o Granizo para uma visita”. Então o Granizo veio. Todo o dia por três horas ele retinia sobre o teto do castelo, até que ele quebrou a maior parte das telhas, e então começou a correr e rodear o jardim, de novo e de novo, tão rápido quanto podia. Ele estava vestido de cinza, e seu sopro era como gelo.

“Eu não entendo como a primavera tarda tanto em chegar”, disse o Gigante egoísta, enquanto sentava-se perto da janela e olhava vastamente seu jardim branco e gelado; “espero que o clima mude.”

Mas a Primavera nunca veio, nem o Verão. O Outono deu frutos de ouro a todos os jardins, mas, para o jardim do Gigante, nenhum deu. “Ele é muito egoísta”, o Outono disse. Assim que lá era sempre o Inverno, e o Vento do Norte, e o Granizo, e a Geada dançavam soltos pelas árvores.

Numa manhã, o Gigante jazia acordado em sua cama, quando ouviu certa música amável. Esta soava tão docemente aos seus ouvidos que ele pensou que o rei dos músicos o visitava. Na verdade, era apenas um pequenino rouxinol gorjeando pelo lado de fora da janela, mas já havia tanto desde que ouvira um pássaro cantando no jardim, que lhe pareceu a mais bela música do mundo. Então o Granizo cessou de dançar sobre sua cabeça, e o Vento do Norte deixou de rugir, e um delicioso perfume insinuou-se a ele através da janela aberta. “Eu acredito que a Primavera chegou, enfim”, disse o Gigante; e levantou-se da cama para olhar pela janela.

O que ele viu?

Ele viu a mais maravilhosa das visões. Através de um buracinho na parede, as crianças insinuaram-se para dentro do jardim, e agora se sentavam sobre os ramos das árvores. Em toda árvore que o Gigante podia ver, havia uma criancinha. E tal era a felicidade das árvores, por terem de volta as crianças, que todas de flores se cobriram, e meneavam gentilmente seus braços sobre a cabeça das crianças. Os pássaros adejavam pelos ares e gorjeavam com prazer; as flores olhavam pela grama verde e riam. Era uma cena doce e adorável. Apenas em um canto do jardim permanecia inverno. Era o canto mais apartado do jardim, e lá estava um menininho. Ele era tão pequeno que não podia alcançar os ramos da árvore, e a rodeava, e chorava contrariado. A pobre árvore ainda estava muito coberta de geada e neve, e o Vento do Norte soprava

1 Famoso conto de Oscar Wilde, traduzido do original inglês publicado na seguinte página: <http://www.inf.fu-berlin.de/lehre/pmo/eng/Wilde-Giant.pdf>

e rugia sobre ela. “Sobe, menino!” disse a árvore, e abaixou seus ramos tanto quanto podia; mas era muito pequeno mesmo o menino.

Derreteu-se o coração do Gigante de compaixão. “Quão egoísta tenho sido!” ele disse; “agora conheço porquê a Primavera não chegou aqui. Alçarei esse menininho inocente ao topo da árvore, e derrubarei a muralha, e será meu jardim para sempre uma praça para as crianças.” Ele de verdade se arrependeu do que tinha feito.

Então ele desceu as escadas e abriu com cautela o pórtico do castelo, e saiu para o jardim. Mas quando as crianças o viram, tanto o temeram, que correram dele, e outra vez o inverno cobriu o jardim. Apenas o menininho não correrá, pois seus olhos eram tão lacrimosos que não pôde enxergar o Gigante se aproximando. O Gigante colocou-se por detrás do menininho e tomou-o com gentileza na sua mão, e o alçou em cima da árvore. Esta então duma só feita floresceu, vieram os pássaros sobre ela, e cantaram, e o menininho, esticando os braços, cingiu-os no pescoço do Gigante, e deu-lhe um beijo. Nisto as outras crianças, vendo que o Gigante não era perverso mais como dantes, tornaram logo correndo, e com elas a Primavera. “É o vosso jardim agora, crianças,” disse o Gigante, e, tomando do seu grande machado, derrubou abaixo a muralha. E os adultos, que iam ao mercado ao meio-dia, encontraram o Gigante, no mais belo jardim que viram, brincando com as crianças.

O dia inteiro eles brincaram, e à noite juntaram-se dele as crianças para lhe dizerem adeus.

“Mas onde está o vosso pequeno companheiro?” ele disse: “o menino que alcei na árvore.” O Gigante amou-o mais do que aos outros, porque ele o havia beijado.

“Nós não sabemos”, responderam as crianças; “ele desapareceu.”

“Vós lhe deveis dizer que se sinta seguro e venha aqui amanhã,” disse o Gigante. Mas as crianças disseram-lhe que não sabiam onde ele morava, e que nunca o tinham visto antes; e nisto sentiu-se muito triste o Gigante.

Toda a tarde, terminadas as aulas, as crianças vinham e brincavam com o Gigante. Mas o menininho, que o Gigante amou, nunca mais foi visto. O Gigante era, contudo, amável com todas as crianças, mas ele esperava ainda por seu primeiro e pequeno amigo, e não raro falava dele. “Como eu gostaria de vê-lo!” ele costumava dizer.

Passaram-se anos, e o Gigante envelheceu muito e tornou-se muito débil. Ele não podia brincar mais pelo jardim, então sentou-se numa poltrona enorme, e observou as crianças em seus brinquedos, e admirou o seu jardim. “Tenho muitas flores belas”, ele disse; “mas as crianças são as mais belas dentre as flores.”

Numa manhã de inverno, ele olhou através de sua janela enquanto se vestia. Agora ele não odiava mais o Inverno, pois sabia que era simplesmente a Primavera adormecida, e que descansavam as flores.

Subitamente ele esfregou os olhos espantado, e mirou e mirou. Certamente era uma visão maravilhosa. No canto mais distante do jardim, havia uma árvore bem coberta de flores brancas e amenas, cujos ramos eram de ouro e frutos prateados pendiam deles, e abaixo dela ficava o menininho, que o Gigante amara.

O Gigante correu pelas escadas em grande alegria, e saiu para o jardim. Ele andou apressado pela grama e aproximou-se da criança. E quando chegou muito perto dela, sua face enrubescceu-se de raiva, e ele disse, “Quem ousou vos ferir?” Porque nas palmas das mãos da criança havia as chagas de dois cravos, e duas chagas também marcavam seus pés pequeninos.

“Quem ousou vos ferir”? bradou o Gigante; “dizei-me, que tomo da minha espada ingente e o mato.”

“Não!” respondeu a criança; “mas estas feridas são de Amor.”

“Quem sois vós?” disse o Gigante, tomado duma estranha admiração, e ajoelhou-se perante o menininho.

E a criança sorriu ante o Gigante, e lhe disse, “Tu me deixaste brincar uma vez no teu jardim, hoje tu vens comigo ao meu, que é o Paraíso.”

E quando as crianças correram ao jardim naquela tarde, acharam o Gigante jazendo morto debaixo da árvore, todo coberto de flores brancas.



WAVERLEY OR 'TIS SIXTY YEARS SINCE¹
VOLUME I.

WAVERLEY, ou JÁ HÁ SESSENTA ANOS.
VOLUME PRIMEIRO.

Capítulo I.
INTRODUTÓRIO.

O título desta obra não foi determinado sem a circumspecta e segura deliberação que matérias valorosas exigem dos prudentes. Até a sua primeira denominação, ou a geral, não foi o resultado de uma pesquisa ou seleção comum, contudo, conforme o exemplo de meus predecessores, bastava-me tomar o mais eufônico e melodioso sobrenome, que a topografia ou história inglesa nos oferece, e elegê-lo duma vez como título de minha obra, e nome de meu herói. Mas, por uma infelicidade, que poderiam ter esperado os meus leitores dos cavaleirescos epítetos de Howard, Mordaunt, Mortimer, ou Stanley, ou dos sons mais suaves e sentimentais de Belmour, Belville, Belfield, e Belgrave, senão páginas inanes, similares àquelas que têm sido tão celebradas já por meio século? Eu devo confessar modestamente que sou muito tímido dos meus próprios méritos, para colocá-los em oposição desnecessária ante associações pressupostas. Destarte, tenho, como um magriço e seu branco escudo, tomado para meu herói, WAVERLEY, um nome estreme, que porta com seu som pouco de bom ou mal, excetuado quanto o leitor doravante se deleitará de lhe ajuntar. Mas o meu título segundo, ou suplementar, foi matéria de mais difícil definição, posto que, por breve que seja, pode ser tomado como um compromisso do autor de dispor a sua narrativa de algum modo peculiar, desenhando-lhe os caracteres e direcionando-lhe os acontecimentos. Tivesse eu proclamado, por exemplo, no frontispício, “Waverley, um conto de outras épocas”, não teria todo o leitor de romances pressuposto um castelo pouco diverso daquele de Udolfo, cuja ala leste jaz há muito inabitada, e as suas chaves ou perdidas, ou confiadas aos cuidados de qualquer mordomo ou caseiro antigo, cujos passos trêmulos – lá pelo meio do segundo volume – fatalmente condenariam o herói, ou heroína, a destinos danosos? Não teria a coruja clamado e chorado o grilo logo na fachada de minha obra? E então me seria possível acrescentar, com comedida atenção ao decoro, cena qualquer mais vigorosa do que aquelas que a jocosidade dum criado frívolo, mas fiel, produziria, ou do que a narrativa garrula da heroína *fille-de-chambre*, quando concertando os feitos de sangue e terror que ouvira no corredor dos servos? Outra vez, tivesse tomado o título “Waverley, um romance dos alemães”, quem seria tão obtuso para não representar um abade dissipador, um duque cruel, uma associação secreta e enigmática dos Rosa-Cruz e Illuminati, com todos os seus apanágios, de capuzes negros, cavernas, adagas, maquinário elétrico, alçapões, e lanternas? Ou, se tivesse nomeado de “*Uma História Sentimental*” a minha obra, não teria sido suficiente presságio duma heroína com cabelos ruivos copiosos, e com uma harpa, suave refrigério de suas horas solitárias, que ela felizmente sempre é capaz de transportar do castelo para a cabana, apesar de ela mesma ser às vezes obrigada a saltar duma janela, subida do chão por dois degraus, e mais de uma vez se perde em sua jornada, sozinha andando, tendo por guia ninguém senão uma pastora gorda e desasseada, cujo dialeto mal pode compreender? Ou, novamente, se meu Waverley fosse nomeado “Um conto dos tempos”, não terias tu, leitor amigo, me exigido um debuxo elegante do famoso mundo, algumas poucas anedotas de qualquer escândalo privado, quase descoberto; e se o pintasse voluptuosamente, não te seria tanto então melhor? Uma heroína de Grosvenor, e um herói do Clube Barouche ou do *Four-in-Hand*, com uma série de caracteres submissos vindos dos salões da Rua Oriental da Rainha Ana, ou heróis galhardos do escritório da Rua do Arco? Poderia estender-me na demonstração da importância do frontispício, e ostentando simultaneamente meu próprio conhecimento pessoal dos componentes particulares necessários para a composição de vários modos de romances e novelas – mas por ora basta, e desprezo tyrannizar mais a paciência de meu leitor, que indubitavelmente já anseia por saber a determinação tomada por um autor tão profundamente versado nos diferentes ramos de sua arte.

Determinando, então, a data da minha história sessenta anos antes do presente primeiro de novembro, de 1805, teria feito entender aos leitores que eles não encontrarão nas páginas subseqüentes nem um romance de cavalaria nem um conto de costumes modernos; que o meu herói não terá ferro nem sobre seus ombros, como antigamente, nem nos saltos de suas botas, como hoje é moda presente na Rua do Bonde; e que as minhas

1 Romance ilustre de Sir Walter Scott, disponibilizado virtualmente no site do *Projeto Gutenberg*:
<https://www.gutenberg.org/ebooks/5998>

donzelas não estarão nem vestidas “em púrpura e em cinza”, como a dama Alice numa balada antiga, nem reduzidas à primitiva nudez numa moda moderna pendente ao exílio. Desta minha determinação de uma época, os críticos inteligentes podem ulteriormente vaticinar que o objeto da minha história é mais a descrição de varões, do que de costumes. Uma história de costumes, para ser interessante, deve ou referir-se à tão longa antiguidade, que é já tornada veneranda, ou deve portar uma reflexão vívida daquelas cenas que diariamente desfilam diante nossos olhos, e que são interessantes por sua representação romanesca. Destarte, a cota de malha de nossos ancestrais, e a pelica de três peles de nosso moderno galanteador, podem, apesar de por motivos mui diferentes, ser igualmente próprias para a composição de um caractere fictício; mas quem, querendo que o traje de seu herói fosse impressionante, deliberadamente o adornaria do vestuário real do reino de Jorge II, sem colares, de largas mangas, e de bolsos baixos? Com igual verdade, o mesmo pode dizer-se dos corredores góticos, que, com suas janelas tintas e escurecidas, seus tetos altos e sombrios, e com sua mesa ingente de carvalho, ornada de alecrim e da cabeça de um porco selvagem, faisões e pavões, gruas e cisnes, têm efeito excelente na descrição fictícia. Muito também se pode alcançar com a descrição viva de qualquer festa moderna, tal como temos diariamente memorado naquela parte do jornal chamado *O Espelho da Moda*, se contrastarmos estes, ou qualquer destes, com a formalidade esplêndida dum recreio nomeado *Já Há Sessenta Anos*; e daí será prontamente visto quanto o pintor de antiguidade ou de maneiras famosas excede àquele que debuxa outrem da passada geração.

Considerando as desvantagens inseparáveis desta parte de minha matéria, deve-se entender que decidi evitá-las tanto quanto possível, concentrando a força de minha história sobre os caracteres e paixões de meus atores – estas, comuns aos homens de todas as partes sociais, e que têm também comovido o coração humano, latejasse ele debaixo duma armadura de ferro do século quinze, ou sob o brocado do século dezoito, ou ainda sob o vestido azul e o colete de remendos dos dias de hoje. Sobre estas paixões sem dúvidas é verdadeiro que o estado dos costumes e das leis lança-lhes um esmalte necessário; mas, para usar da heráldica linguagem, os brasões continuam os mesmos, apesar de os esmaltes serem não apenas diversos, mas opostos em grande contradição. A cólera de nossos ancestrais, por exemplo, era coberta da cor goles²; e arrojou-se em atos de livre e sanguinária violência contra os objetos de sua fúria. Nossos sentimentos malignos, que devem satisfazer-se por meios mais indiretos, e minar os obstáculos que não podem abertamente expugnar, podem melhor dizer-se da cor saibro³. Mas o motivo profundo é o mesmo em ambos os casos; e o orgulhoso nobre, que ora pode apenas arruinar seu irmão de acordo com a lei, por processos eternos, é descendente verdadeiro do barão que envolveu o castelo de seu competidor em chamas, e lhe esmagou a cabeça quando pretendia fugir da conflagração. É do grande livro da Natureza, igual em milhares de edições, ou de letras negras, ou tecido em fios, ou prensado ardente, que eu tentei venturosamente ler um capítulo ao público. Algumas oportunidades favoráveis de contraste têm-se oferecido a mim pelo estado da sociedade na parte boreal da ilha no período de minha história, e devem servir numa vez para adornar e ilustrar as lições morais, que cuidadosamente considere como a parte mais importante de meu plano. Contudo, conheço quão rápido essas lições desviarão de seu fim, se for eu incapaz de lhes misturar com algum divertimento – uma tarefa não tão fácil nesta geração crítica, que lerá “Já há sessenta anos...”

2 N.T. Em heráldica, uma das cinco classes de tinturas negras. É como escarlata.

3 N.T. Esta é a cor preta em heráldica.

ARQUITETURA ROMANA¹

(146 a.C. - 365 d.C., precedida da etrusca, 750 a.C. - 100 a.C.)

1. INFLUÊNCIAS.

I. Geográficas.

A relativa simplicidade da longa costa linear da península italiana produz forte contraste ante a complexidade da escarpada costa da Grécia e as inúmeras ilhas do Arquipélago. Tem Itália poucos portos naturais e poucas ilhas ao longo de suas costas e corre a grande cadeia dos apeninos, como uma espinha, abaixo para o centro do país, e grande parte deste é muito montanhosa, mas Itália não se fende em pequenos vales isolados como a Grécia. Estas diferenças geográficas claramente distintas entre o país dos gregos e o dos romanos têm sua contrapartida em diferenças igualmente salientes de caráter nacional. A posição central e soberana de Itália no Mar Mediterrâneo permitiu a Roma atuar como força intermediária na disseminação de arte e civilização pelo resto da Europa, da Ásia Ocidental e do Norte da África. No seu esforço, construtor de impérios, procederam os romanos logicamente: expugnavam primeiro pela guerra, depois dominavam por sua força de caráter, e então mandavam pelas leis e civilizavam pelas artes e pelas letras. Também é natural que, sob diferentes condições geográficas, os métodos adotados por Roma para estender sua influência fossem diversos daqueles adotados pela Grécia. Os romanos não eram um povo navegador como os gregos, e não mandavam colonizadores como eles para todas as regiões do mundo então conhecido: eles dependiam, para a extensão de seu poder, não da colonização, mas da conquista. O poder romano primeiro construiu-se na própria Itália por uma absorção gradual dos pequenos estados, num tempo em que havia poucas cidades rivais, quando vilinhas não eram muito orgulhosas de sua individual independência; enquanto nem Atenas nem Esparta foram capazes de perpetrar tal processo de absorção, por causa da feroz independência da cada cidadezinha grega, protegidas como eram em seus vales isolados e quase impenetráveis. O Império Romano no fim não se confinava geograficamente a Itália, mas, como se vê no mapa (p.135), incluía todas as partes da Europa, do Norte da África, e da Ásia Ocidental que constituía o mundo até então conhecido.

II. Geológicas.

A formação geológica da Itália difere daquela da Grécia, onde o principal e quase único material usado na construção era o mármore; enquanto além do mármore os romanos podiam utilizar terracota, pedra e tijolo, os quais materiais todos usavam, até para edifícios importantes. Na vizinhança de Roma havia travertino, uma dura pedra calcária de Tivoli; tufa, um depósito calcário do qual as colunas de Roma são principalmente compostas; peperino, uma pedra vulcânica do Monte Albano; lava, das erupções vulcânicas, além da areia excelente e cascalho. O material construtivo, contudo, que levou a grandes inovações estruturais foi o concreto formado de pozolana, uma terra limpa e arenosa encontrada em densas camadas, a qual tem a propriedade peculiar de, quando se une ao cal, formar concreto coesivo e excessivamente duro, o que possibilitou alguns dos melhores exemplos da arquitetura romana. Não apenas cúpulas e abóbadas mas frequentemente paredes se faziam desse concreto, e estas eram esmaltadas de tijolos, pedra, alabastro, pórfiro e outros mármore, escavados de inúmeras minas por bandos de escravos. Plínio assinala que enormes quantidades de mármore branco e colorido eram importadas de todas as partes do Império para cais especiais no Tibre e eram então trabalhados por bandos de escravos e convictos. A arquitetura romana, como se espargiu sobre todo o mundo então conhecido, era naturalmente influenciada por várias fontes, pelos materiais encontrados na larga variedade de locais onde de semeava. Mas concreto, que em conjunção com tijolos e pedras era o material favorito, ajudou a uniformizar o estilo da arquitetura romana através do Império, e deste modo influências geológicas locais eram até certo ponto desprezíveis. Na Síria, contudo, como em Balbeque, também no Egito, como em Filas, a produção das minas era tão ilimitada que enormes blocos de pedra tomaram o posto do concreto romano, e destarte o uso tradicional desses países prevaleceu.

1 Excerto da *History of Architecture on the Comparative Method* (15th ed.) de Banister Fletcher.

III. Climáticas.

O Norte da Itália tem o clima da região temperada da Europa, a Itália Central é volúvel e ensolarada, enquanto o Sul é quase tropical. A variedade das condições climáticas basta para explicar a diversidade do trato e dos traços arquitetônicos na península, enquanto os diferentes climas das várias províncias romanas, indo da Inglaterra até o Norte da África, e de Síria até a Espanha, produziram modificações locais em detalhes, apesar do caráter arquitetônico romano ter sido tão manifesto e assertivo que deixava pouca escolha no debuxo geral dos edifícios.

IV. Religiosas.

A religião da antiga Roma era uma parte da constituição do Estado, e até a adoração dos deuses, que fora tomada dos gregos sob nomes latinos com atributos tais para adequar-se às exigências religiosas romanas, foi eventualmente sustida apenas como matéria da política estatal. O Imperador ultimamente recebia honras divinas e pode quase descrever-se como a cabeça do Panteão das deidades das várias províncias que caíram sob o mando disseminado e tolerante dos romanos. O sentimento religioso sob Roma não era influente como sob Grécia e não entrou, no mesmo grau, na vida das pessoas, e nem nós encontramos que tenha constituído o laço de união entre as diversas províncias do Império. A posição do imperador como pontífice máximo é muito sugestiva da glorificação do Império mais que da religião, e o oficialismo estampava seu caráter até na arquitetura dos templos. Os principais edifícios não eram apenas templos, como na Grécia, mas construções públicas que eram a expressão material do mando romano e do poder imperial. Na religião romana, o sacerdotismo não tinha espaço e os sacerdotes não eram, como no Egito, uma classe poderosa e privilegiada, mas praticavam apenas sacrifícios, enquanto vates determinavam por augúrios a vontade dos deuses. Toda casa, palácio ou vila ou "domus", continha um altar para os Lares ou deuses familiares, e a adoração dos ancestrais era parte reconhecida dos ritos religiosos; então sucedeu que Vesta, deusa do lar, fosse exaltada a uma alta posição no Panteão romano dos deuses, e as virgens vestais, atreladas aos templos de Vesta, eram de maior importância que os sacerdotes ordinários de sacrifício.

V. Sociais.

Em tempos primevos Etrúria, no centro da Itália, foi ocupada pelos etruscos — provavelmente um povo ariano que parece ter-se lá estabelecido antes da autêntica história começar, povo de grandes construtores. Os gregos tinham colônias no Sul que eram reunidas sob o nome "Magna Græcia". A Itália não foi habitada por uma raça somente, mas por muitas. Na Gália Cisalpina havia lígures, úmbrios e etruscos. O resto da Itália era originalmente ocupado pelos pelagianos, ou tribos da raça ariana que se tinham separado dos celtas, teutões, e outros, e que tinham sido parte da mesma raça que originalmente habitara a Grécia. A primeva forma governamental da Itália lembrava a da Grécia, e vilas e distritos uniam-se em ligas. O governo de Roma foi, num primeiro período, sustido por reis escolhidos (753 — 509 a.C.), ajudados por uma assembléia popular. Mas por volta de 500 a.C. Roma tornou-se uma república. Na derrota de Pompéia em Farsália, Júlio César remanescera sem rival, mas foi assassinado em 44 a.C., quando um período de grande confusão se seguiu. Então veio o triunvirato, consistindo de Marco Antônio, Caio Otávio (sobrinho-neto de Júlio César) e Marco Emílio Lépidio, que se opuseram a Bruto e Cássio, e eventualmente os sobrepujaram. Na derrota de Marco Antônio em Áccio, Caio Otávio começou a reinar e, quando a necessidade de um governo centralizado para as províncias distantes resultou na formação do Império, recebeu o título de Imperador, e depois em 27 a.C. o de Augusto, posteriormente usado por todos os imperadores romanos. A idade augusta foi uma das grandes eras da história do mundo, como aquela de Péricles na Grécia, a de Elisabete na Inglaterra, e o século dezenove através de toda a Europa. Em tais épocas, uma nova primavera parece preencher a vida nacional e individual, vitalizando a arte e a literatura. Com efeito, Augusto blasonava de, tendo

tomado Roma cidade de tijolos, tê-la tornado uma de mármore. Os poetas Virgílio (70 - 19 a.C.), Horácio (65 - 8 a.C.), Ovídio (43 - 17 d.C.), e Lívio historiador (59 - 17 d.C.) todos floresceram nesse grande período. Os versos de Virgílio e Horácio mostram que a população coalhava nas cidade e desgostava a vida campestre, tal que a terra gradualmente deixou de ser cultivada e dependia o povo dos cereais importados. Seguiu Augusto, morto em 14 d.C., uma linha de famosos imperadores, dos quais Nero (54 - 69 d.C.), Vespasiano (69 - 79 d.C.), Trajano (98 - 117 d.C.), Adriano (117 - 138 d.C.), Septímio Severo (192 - 211 d.C.), Caracala (211 - 217 d.C.) e Diocleciano (284 - 305 d.C.) foram os maiores patronos da arquitetura. Os "atos construtivos" de Augusto e seus sucessores, Nero e Trajano, mostram a influência controladora do Estado sob a arquitetura. Então seguiu-se um período quando a população turbulenta dentro da cidade imperial, e os exércitos enormes necessários para sustentar a invasão bárbara em todas as fronteiras, dominaram o governo. Imperadores não eram antes escolhidos do que mortos e o caos social enfraqueceu o poder político do Império. A vida social dos romanos claramente revela-se na sua arquitetura — termas havia para banhos e jogos, circuitos para corridas, anfiteatros para contendos de gladiadores, teatros para dramas, basílicas para tribunais, templos estatais para religião, e a "domus" para a vida familiar, enquanto o fórum era por toda a parte o centro da vida pública e do comércio nacional. Entre toda esta diversidade de propósitos há um traço perene que corre por toda a vida romana, e este é a capacidade romana de obedecer, que era a base já da sociedade, já do Estado romano. A "patria potestas", ou poder supremo do pai, era a pedra fundamental da vida familiar, e da obediência à sua autoridade, fosse à cabeça da casa, ou aos censores do Estado, os romanos desenvolveram a sua capacidade de criar leis, e através desta característica especial deixaram uma marca especial na história do mundo. No sistema social romano, havia apenas patrícios, plebeus ou escravos, e não havia classe média. As mulheres romanas eram tidas em alta consideração, a vida familiar era protegida, e o templo de Vesta, o mais sagrado espaço de Roma, gravara para todos os tempos a sacralidade atrelada pelos romanos aos lares.

VI. Históricas.

A fundação de Roma é de data incerta, mas geralmente se aceita 753 a.C., e até 509 a.C. seu desenvolvimento e seu destino repousavam nas mãos de antigos reis. A república que se seguiu envolveu-se em muitas guerras, conquistando várias cidades etruscas, mas foi derrotada em 390 a.C. pelos gauleses, que ocuparam por certo tempo o norte da Itália. Por volta de 343 a.C., começou a conquista romana da Itália, que em cerca de sessenta anos resultou no domínio de uma cidade sobre muitas outras. Logo então vieram as guerras com os povos fora da Itália, e Pirro, rei de Epiro, foi o primeiro a ser subjugado. A primeira guerra púnica (264 - 241 a.C.) contra Cartago desencadeou a anexação da Sicília como primeira província romana. A segunda guerra púnica (218 - 201 a.C.) foi a contenda mais severa em que tomaram parte os romanos; pois Aníbal, o grande general cartaginense, invadiu Itália pelo norte, derrotou os exércitos romanos, e manteve-se na Itália até reencontrar contra-ataque dos romanos, sob Cipião, sobre a própria cidade de Cartago. A terceira guerra púnica (149 - 146 a.C.) terminou na destruição de Cartago, que com seu território tornava-se uma província romana na África. A conquista da Macedônia (168 a.C.) e da Grécia (146 a.C.) acrescentou duas outras províncias ao Império Romano, e também estimulou a importação da arte e de artistas gregos na Itália. A Grécia, por sua vez, tornara-se marco estimulante para os romanos da Ásia Ocidental, que foi gradualmente subjugada até transformar-se em 133 a.C. uma província romana. Com as conquistas da Síria (190 a.C.) e da Espanha (133 a.C.), o Império Romano estendeu-se do Eufrates até o Atlântico, enquanto as campanhas de César (58 - 49 a.C) tornaram o Reno e o canal inglês seus limites boreais. Em 30 a.C., acrescentava-se o Egito ao império, e em 43 a.C, Britânia tornou-se província romana. Então depois, quando o Império alcançara sua maior extensão, descontentamento no centro e ataques bárbaros nas fronteiras levaram ao enfraquecimento da autoridade que resultou em seu declínio e final exício. Constantino (306 - 337 a.C.) removeu sua capital para Bizâncio em 324 a.C. como um centro mais conveniente para o Império extenso. Porém, este em 365 a.C. dividia-se em Leste e Oeste com dois imperadores, e o ano de 475 a.C. marca o fim do Império Romano Ocidental pela eleição de Odoacro como o primeiro rei da Itália.

A ARQUITETURA DO CRISTIANISMO PRIMITIVO

(400 – 1200 d.C.)

I. INFLUÊNCIAS.

I. Geográficas.

A Cristandade nascera na Judeia, uma província oriental do Império Romano, mas rapidamente tornou-se um organismo vivo, e foi naturalmente carregada por São Pedro e São Paulo e outros missionários para Roma, como o centro do Império Global. Lá, na fonte original do poder e influência, e a despeito da oposição e perseguição, a nova religião tomou raiz e cresceu até tornar-se forte o suficiente para tornar-se a religião universal reconhecida de todo o Império. A primeira arquitetura cristã em Roma foi influenciada, como logicamente se esperaria, pela arte romana existente, e foi modificada em outras partes do Império de acordo com o tipo já reconhecido como adequado para a situação geográfica desses países, como a Síria, a Ásia Menor, o Norte da África e o Egito.

II. Geológicas.

Pode-se dizer que as influências geológicas atuaram indiretamente, mais do que de modo direto, na arquitetura do Cristianismo primitivo, pois as ruínas dos edifícios romanos frequentemente proveram as minas de extração donde materiais de construção eram obtidos. Isto influenciou o estilo, tanto na construção como na decoração; pois as colunas, e outros traços arquitetônicos, como belas esculturas e mosaicos de outros prédios, eram trabalhados nas igrejas basílicas da nova fé.

III. Climáticas.

O clima da Itália, o mais importante centro de atividade construtiva desta época, foi tratado no capítulo sobre a arquitetura romana. As condições climáticas de tais províncias romanas como o Egito, Síria e o Norte da África, onde o Cristianismo estabeleceu-se, eram mais ou menos variadas, e naturalmente modificaram o estilo desses países onde o Sol mais vigoroso e o clima mais quente faziam necessitar de janelas menores e de outros traços orientais.

IV. Religiosas.

Em toda a história da humanidade não há registro tão impressionante como a ascensão do Cristianismo, e nenhum fenômeno tão notável como a rapidez com a qual dimanou pelo mundo civilizado; e não apenas nesta era, mas em todas as idades subsequentes, a Cristandade inspirou a edificação de alguns dos maiores monumentos arquitetônicos. O número de comunidades cristãs estabelecidas pelo Apóstolo Paulo nas suas jornadas missionárias, ao redor do Mediterrâneo Oriental, na Síria, na África, na Grécia e na Itália, pode nos levar a esperar mais ruínas de basílicas do Cristianismo primitivo por esses distritos. Conectado a isto, contudo, deve-se lembrar que o Deus pregado por São Paulo não era “como a pedra e o ouro gravados por arte e artifício do homem, nem um Deus que perambulava por templos feitos com mãos”, como aqueles templos dos antigos gregos e romanos, que eram edificadas para guarnecer as estátuas dos deuses. O propósito das igrejas cristãs era abrigar os adoradores que se encontravam para orar e louvar a um Deus invisível e, durante as indeterminadas condições no começo do Cristianismo, vários prédios foram adaptados para sua adoração. Deste modo, a edificação de templos pagãos cessou antes de qualquer tentativa de construir igrejas cristãs. Em 313 d.C., Constantino promulgou seu celebrado decreto de Milão, conferindo ao Cristianismo iguais direitos aos das outras religiões, e em 323 d.C. ele próprio professou o Cristianismo, que se tornou a religião oficial do Império Romano, e então os cristãos começaram a edificar igrejas de tipo adequado às suas necessidades e ritual. Fortificado por sua função oficial, e então liberto da necessidade de unidade interna, que fora engendrada pela perseguição externa, diferenças doutrinárias uma vez se desenvolveram na Igreja, e o Concílio de Niceia (325 d.C.), convocado por Constantino, foi o primeiro de vários concílios realizados para a resolução de disputas sobre heresias. O firme progresso do Cristianismo foi temporariamente detido por uma reação ocorrida sob Júlio, o Apóstata (360 – 363 d.C.), e então por muitas gerações a religião sofreu um eclipse como poder na civilização europeia, e todo o continente foi dedicado a guerra e anarquia. Papa Gregório, o Grande (590 – 604 d.C.), empregou o Exército Imperial de Constantinopla para defender Roma contra os lombardos, e deste modo, harmonizando-se em senso

comum com o povo, cedo lançou a fundação do poder temporal do Papado, que continuamente cresceu, especialmente sobre os Papas Adriano I e Leão III.

V. Sociais.

Constantino mudou a capital do Império de Roma para Bizâncio em 324 d.C., quando o antigo sistema político romano feneceu, e este convertido real reinou como absoluto monarca até a sua morte em 337 d.C. Além dos problemas causados por Júlio, o Apóstata, o Cristianismo sofreu outros abalos durante as condições indeterminadas consequentes da divisão do Império Romano, que primeiro emergiram em 365 d.C. quando Valentiniano tornou-se Imperador do Ocidente e seu irmão Flávio Júlio Valente do Oriente. Teodósio, o Grande (379 - 395 d.C.) reuniu por um tempo os Impérios do Oriente e do Ocidente, e em 438 d.C. Teodósio Segundo publicou seu código legal, uma obra importante sobre as constituições dos imperadores no tempo de Constantino. A série de imperadores no Ocidente findou em 475 d.C., e os Impérios do Ocidente e do Oriente eram nominalmente reunidos em Zeno, que reinou em Constantinopla. Então de novo o trono de poder mudou-se, e Teodorico, o Grande, reinou na Itália durante um período de paz e prosperidade. Depois, no despertar desta mudança, a arte bizantina influenciou a arte cristã através de Ravena, que de Roma era rival em importância e foi a capital da Dinastia Gótica (493 - 552 d.C.), com a exceção de um breve período em que fora subjugada por Justiniano (527-565 d.C.). Os reis eram agora eleitos para os estados separados da Espanha, da Gália, e do Norte da África, e a Itália, onde o Rei Odoacro reconheceu a supremacia do único Imperador Romano em Constantinopla. A emancipação da Europa Ocidental do direto controle imperial resultou no desenvolvimento da civilização romano-teutônica, que facilitou o crescimento de novos estados e nacionalidades, e deu novo impulso ao Cristianismo, e eventualmente fortaleceu o poder dos bispos de Roma. A formação desses novos estados resultou no crescimento e desenvolvimento das línguas românticas e teutônicas, as quais, para o uso geral, grandemente substituíram o latim. É claro que essas muitas mudanças sociais e distúrbios políticos não poderiam deixar de refletir-se na arquitetura de um período no qual grandes forças formativas estavam em ação.

VI. Históricas.

O período do Cristianismo primitivo geralmente se toma como indo desde Constantino até a morte de Gregório, o Grande, (604 d.C.), apesar de em Roma e em muitas cidades italianas ter continuado até o século doze. As incursões dos unos na Germânia por volta de 376 d.C. eventualmente trouxeram invasões do Norte na Itália, e em 410 a.C. a própria Roma foi saqueada pelos godos sob Alarico. Tantas forças conflitantes eram correntes na Europa que a disseminação da nova religião foi detida durante esse período de mudança e comoção, até que em 451 d.C., quando da derrota de Átila, rei dos unos, na Batalha dos Campos Cataláunicos, promoveu a consolidação do Cristianismo na Europa. Em 568 d.C., os lombardos penetraram na Itália e reteram a parte boreal por duzentos anos. Então em 800 d.C. Carlomagno foi coroado pelo Papa em Roma, e a partir desta data foi o Império chamado Sacro Império Romano, um título retido até 1806. Sob o Papa Gregório, o Grande, (590 - 604), a arquitetura do Cristianismo primitivo, a última fase da arte romana, gradualmente caiu em desuso, e pelos próximos dois séculos o desenvolvimento arquitetônico praticamente estagnou na Europa; e apesar de a influência bizantina asseverar-se, as antigas tradições romanas estavam suspensas até o tempo em que a arquitetura românica estar gradualmente evoluída.

2. CARÁTER ARQUITETÔNICO.

O caráter da arquitetura do Cristianismo primitivo se vê em edifícios do século quarto até o século sétimo, e em algumas partes até o século doze.

Cada era do desenvolvimento humano inevitavelmente modifica a arte que herdara, no seu esforço, às vezes consciente e às vezes inconsciente, de adaptar a arte do passado para a expressar o semblante do presente. Deste modo, em arquitetura um estilo geralmente se desenvolve do precedente por uma série de mudanças graduais. Os primevos cristãos, como artífices romanos, continuaram as antigas tradições romanas, mas como não era de modo algum ricos usaram, tanto

quanto possível, os materiais dos templos romanos que se haviam tornado inúteis para seu propósito original. Deste modo, em suas igrejas, modeladas segundo as basílicas romanas, eles usaram antigas colunas que por diversos artifícios eram levadas a uniforme altura. Por causa disto, apesar de extremamente interessante numa perspectiva arqueológica, os primevos edifícios cristãos dificilmente terão o valor arquitetônico de um estilo produzido pela solução de problemas construtivos. Basílicas tinham ou colunas entre si de vão estreito, sustentando o entablamento, ou colunas mais largamente distanciadas sustentando arcos semicirculares. A basílica típica, do primevo estilo cristão, é a com três ou cinco corredores, coberta por um simples teto de madeira, oposta ao tipo bizantino, arqueado e com uma cúpula central e circular, jazendo sobre um quadrado, sustida por pendículos, e cercada de outras menores cúpulas.

Sonnet 2 – When forty winters shall besiege thy brow – William Shakespeare.

When forty winters shall besiege thy brow
And dig deep trenches in thy beauty's field,
Thy youth's proud livery, so gazed on now,
Will be a tattered weed, of small worth held.
Then being asked where all thy beauty lies—
Where all the treasure of thy lusty days—
To say within thine own deep-sunken eyes
Were an all-eating shame and thriftless praise.
How much more praise deserved thy beauty's use
If thou couldst answer "This fair child of mine
Shall sum my count and make my old excuse",
Proving his beauty by succession thine.

This were to be new made when thou art old,
And see thy blood warm when thou feel'st it cold.

Jerusalem, William Blake.

And did those feet in ancient time
Walk upon Englands mountains green:
And was the holy Lamb of God,
On Englands pleasant pastures seen!

And did the Countenance Divine,
Shine forth upon our clouded hills?
And was Jerusalem builded here,
Among these dark Satanic Mills?

Bring me my Bow of burning gold:
Bring me my arrows of desire:
Bring me my Spear: O clouds unfold!
Bring me my Chariot of fire!

I will not cease from Mental Fight,
Nor shall my sword sleep in my hand:
Till we have built Jerusalem,
In Englands green & pleasant Land.

Soneto 2 – Quando quarenta invernos a tua testa – William Shakespeare.

Quando quarenta invernos a tua testa
Cercarem, e atros cavarem em teu prado,
Teu ufano e ledó ser, ora tão fitado,
Será tal rota flor, que abjeta se atesta.
Aí indagar-te onde tua beleza mora,
Onde do teu lascivo tempo o tesouro,
Dizer que traga em si teu olhar sorvedouro
Voraz vergonha, e vão louvor te fora.
Quanto mor louvor cabia à tua vontade
Se dizer tu pudesses: "Vê o pequeno
Meu e belo, que me salva em sua idade",
Provando sua beleza co'a tua sucedendo.

Terno seria este, quando velho fosses,
E veria arder teu sangue que frio sentisses.

Jerusalém, William Blake.

E aqueles pés em tempo antigo
Andaram sobre a verdura do monte inglês:
E o Sagrado e Divino Cordeiro ver-se fez,
sobre o ameno pasto amigo inglês!

E o Divino gesto soberano,
Fulgiu sobre nossas nebulosas colinas?
E foi Jerusalém subida neste plano,
Entre estas tristes e satânicas usinas?

Traze-me meu arco d'ouro ardente:
Traze-me minhas setas de desejo:
Traze-me minha lança: Ó nuvens, cessai!
Traze-me meu carro, que de fogo vejo!

Da luta ideal então não cesso,
Nem dorme a espada na minha mão:
Até que para Jerusalém seja converso
Da Inglaterra o verde e tenro chão!

Salmo 125

1 - Quando o Senhor recolher os cativos de Sião,
Feitos os consolados seremos.
2 - Então plena será de gáudio a nossa boca,
E de exultação a nossa língua.
Dir-se-á então entre as nações:
Engrandeceu o Senhor o criar com eles.
3 - Engrandeceu o Senhor o criar conosco.
Feitos os jubilosos seremos.
4 - Recolhe, Senhor, nossa escravidão,
Como torrente na calma luminosa.
5 - Quem semeia lacrimando, gaudioso irá segando.
6 - Aqueles que chorando foram portando sua semente,
Tornando ledos virão, seus feixes sustentando.

Salmo 129, De profundis.

Do profundo clamei a ti, Senhor:
2 - Senhor, cuida na minha voz:
Ao que a ti vou suplicando teus ouvidos se inclinem.
3 - Se olhares iniquidades, Senhor,
Senhor quem se sustentará?
4 - Que diante está de Ti a propiciação,
E por amor da Tua lei perseverarei contigo, Senhor.
Susteve-se minha alma em sua palavra.
5 - Esperou minha alma no Senhor.
6 - Do abrigo da manhã até a noite espere Israel no
Senhor.
7 - Que diante está d'Ele a misericórdia,
E copiosa redenção.
8 - E esta própria redimirá Israel de toda a sua iniquidade.

Psalmus 125

In convertendo Dominus captivitatem Sion,
facti sumus sicut consolati.
2 Tunc repletum est gaudio os nostrum,
et lingua nostra exultatione.
Tunc dicent inter gentes :
Magnificavit Dominus facere cum eis.
3 Magnificavit Dominus facere nobiscum ;
facti sumus lætantes.
4 Converte, Domine, captivitatem nostram,
sicut torrens in austro.
5 Qui seminant in lacrimis,
in exultatione metent.
6 Eunt ibant et flebant,
mittentes semina sua.
Venientes autem venient cum exultatione,
portantes manipulos suos.

Psalmus 129, De Profundis.

De profundis clamavi ad te, Domine ;
2 Domine, exaudi vocem meam.
Fiant aures tuæ intendentes in vocem deprecationis meæ.
3 Si iniquitates observaveris, Domine,
Domine, quis sustinebit ?
4 Quia apud te propitiatio est ;
et propter legem tuam sustinui te, Domine.
Sustinuit anima mea in verbo ejus :
5 speravit anima mea in Domino.
6 A custodia matutina usque ad noctem,
speret Israel in Domino. “
7 Quia apud Dominum misericordia,
et copiosa apud eum redemptio.
8 Et ipse redimet Israel”
ex omnibus iniquitatibus ejus.

A DIVINA COMÉDIA

CANTO PRIMEIRO.

No meio do caminho de nossa vida,
Me descobri em uma selva escura,
Cuja via direita era perdida.

Ai!, quanto a dizer qual era é coisa dura,
Esta selvagem selva, amara e forte,
Que o temor ao pensamento apura.

Tanto é amara, que pouco é mais Morte;
Mas p'ro bem tratar que por aqui encontrei
Direi outras coisas, que aqui guarda a sorte.

Eu não sei dizer bem como aqui entrei,
Tanto era pleno de sono este ponto,
Que a verdadeira via abandonei.

Mas pós que fui ao pé da escarpa junto,
Lá onde seu limite via a grã vazeza,
Que me o coração rendeu em dor compunto,

Pra cima olhei, e vi-a em sua alteza
Vestida já dos raios do planeta,
Que todos guia por vias com certeza.

Agora o temor foi um pouco quieto,
Que pelo lago do coração ardia
Na noite em que sofri co'o peito inquieto.

E como aquele que do vigor se esfria,
Do pelago saído já na praia,
À água se volta amara e o olho envia,

Assim o animo meu, que ainda fugia,
Se volve pronto a rever ao passo,
Que não jamais deixou pessoa em via.

Repousado por pouco o corpo lasso,
A via retomei pela acerba costa,
Tal que o pé firme sempre era o mais baixo.

E então quase ao começar dessa encosta,
Uma onça ligeira, e prestes muito,
Que em pelo maculado era coberta,

E não me partia diante do vulto,
Mas antes impedia tanto o meu caminho,
Que quis retornar minhas voltas muito.

Tempo era do princípio matutino,
E o Sol em Sul montava co'as estrelas,
Que eram com Ele, quando o amor divino,

Moveu de primo aquelas cousas belas.
Se que a esperar bem m'era razão,
Daquela fera de felinos pelos,

LA DIVINA COMMEDIA

CANTO PRIMO

Nel mezzo del cammin di nostra vita
mi ritrovai per una selva oscura,
ché la diritta via era smarrita.

Ahi quanto a dir qual era è cosa dura
esta selva selvaggia e aspra e forte
che nel pensier rinova la paura!

Tant' è amara che poco è più morte;
ma per trattar del ben ch'i' vi trovai,
dirò de l'altre cose ch'i' v'ho scorte.

Io non so ben ridir com' i' v'intrai,
tant' era pien di sonno a quel punto
che la verace via abbandonai.

Ma poi ch'i' fui al piè d'un colle giunto,
là dove terminava quella valle
che m'avea di paura il cor compunto,

guardai in alto e vidi le sue spalle
vestite già de' raggi del pianeta
che mena dritto altrui per ogni calle.

Allor fu la paura un poco queta,
che nel lago del cor m'era durata
la notte ch'i' passai con tanta pietà.

E come quei che con lena affannata,
uscito fuor del pelago a la riva,
si volge a l'acqua perigliosa e guata,

così l'animo mio, ch'ancor fuggiva,
si volse a retro a rimir lo passo
che non lasciò già mai persona viva.

Poi ch'èi posato un poco il corpo lasso,
ripresi via per la piaggia diserta,
sì che 'l piè fermo sempre era 'l più basso.

Ed ecco, quasi al cominciar de l'erta,
una lonza leggiera e presta molto,
che di pel macolato era coverta;

e non mi si partia dinanzi al volto,
anzi 'mpediva tanto il mio cammino,
ch'i' fui per ritornar più volte vòlto.

Temp' era dal principio del mattino,
e 'l sol montava 'n sù con quelle stelle
ch'eran con lui quando l'amor divino

mosse di prima quelle cose belle;
sì ch'a bene sperar m'era cagione
di quella fiera a la gaetta pelle

Da hora do tempo, e da doce estação, Mas não que temor não me metesse A vista que m'aparece dum leão.	l'ora del tempo e la dolce stagione; ma non sì che paura non mi desse la vista che m'apparve d'un leone.
Este se via que contra mim viesse, Co'a testa alta e com raivosa fome, Tal que o ar parecia que o temesse.	Questi pareva che contra me venisse con la test' alta e con rabbiosa fame, sì che pareva che l'aere ne tremesse.
E um lobo, que de vícios se consome, E de todos se via pleno em sua magreza, E a muitos fez que a miséria dome,	Ed una lupa, che di tutte brame sembiava carca ne la sua magrezza, e molte genti fé già viver grame,
Este me pôs em tanto de dureza Co'o medo que da vista lhe fugia, Que a esperança perdi de toda alteza.	questa mi porse tanto di gravezza con la paura ch'uscia di sua vista, ch'io perdei la speranza de l'altezza.
E como quem de grado conseguia, E o tempo vem que a perda se lhe impende, Em toda mente chora e se afligia,	E qual è quei che volontieri acquista, e giugne 'l tempo che perder lo face, che 'n tutti suoi pensier piange e s'attrista;
Assi do peito a paz me a besta espede, Que lenta me ao encontro vem surgindo, Porque ruindo fui onde o Sol se perde.	tal mi fece la bestia senza pace, che, venendomi 'ncontro, a poco a poco mi ripigneva là dove 'l sol tace.
Entanto em atro espaço ia sucumbindo, Ante os meus olhos se me fez oferto Quem em silêncio longo vivia indo.	Mentre ch'i' rovinava in basso loco, dinanzi a li occhi mi si fu offerto chi per lungo silenzio pareva fioco.
Quando esse percebi no grão deserto, "Apieda-te de mim", co'a voz feria, "Sejas tu sombra, sejas homem certo."	Quando vidi costui nel gran diserto, «Miserere di me», gridai a lui, «qual che tu sii, od ombra od omo certo!».
Respondeu: "Homem era quando vivia, E foram dos lombardos os meus padres, Que a pátria mantoana em si retia.	Rispuosemi: «Non omo, omo già fui, e li parenti miei furon lombardi, mantoani per patrïa ambedui.
Sub Júlio nasci, inda fosse tarde, E vivi em Roma sob o bom Augusto, Dos perfidos e falsos deuses a idade.	Nacqui sub Iulio, ancor che fosse tardi, e vissi a Roma sotto 'l buono Augusto nel tempo de li dèi falsi e bugiardi.
Poeta fui, e cantei daquele justo D'Anquise filho, vindo este de Tróia, Pós que Ilion soberbo foi combusto.	Poeta fui, e cantai di quel giusto figliuol d'Anchise che venne di Troia, poi che 'l superbo Ilión fu combusto.
Mas tu, retornas pois a tanta noia, Por que não galgas o delicioso monte, Que é princípio e razão de toda glória?"	Ma tu perché ritorni a tanta noia? perché non sali il diletto monte ch'è principio e cagion di tutta gioia?».
"Ah!, és tu aquele Virgílio, e a fonte De que expande em falar tão amplo rio", Respondi-lhe eu, com vergonhosa fronte.	«Or se' tu quel Virgilio e quella fonte che spandi di parlar sì largo fiume?» rispuos' io lui con vergognosa fronte.
"Ó dos outros poetas, luz e brio, Me valha o longo estudo e o grande amor, Que me fez buscar da obra tua o estio.	«O de li altri poeti onore e lume, vagliami 'l lungo studio e 'l grande amore che m'ha fatto cercar lo tuo volume.
Tu és o meu ledto mestre, o meu autor, Tu só és aquele de quem eu tolhi O belo estilo, que me portou honor.	Tu se' lo mio maestro e 'l mio autore, tu se' solo colui da cu' io tolsi lo bello stilo che m'ha fatto onore.

<p>Vê a besta pela qual eu me volvi, Ajuda-me por essa, ilustre guia, Por qual nos pulsos, e nas veias tremi.</p> <p>"Correr a ti convém por outra, Respondeu, pós que lagrimar me viui, Se campar queres dessa espessa via.</p> <p>Que a besta, por que tua voz o Céu feriu, Não deixa passar qualquer por via sua, Mas mata aquele a quem tanto impediui.</p> <p>E a natureza tanto tem má e crua, Que nunca pleno fez querer doente, Mas dantes sempre cresce a fome sua.</p> <p>São muitos animais com quem se junta, E mais ainda serão, até vir o veltro Que morte dar-lhe-á de dor compunta.</p> <p>Este não viverá de terra ou peltro, Mas de saber, d'amor e de virtude, E a nação sua será entre feltro e feltro.</p> <p>Da humilde aquela Itália fará saúde, Pela qual morreu a virgem Camila, Euríalo e Turno e Niso ao атаúde.</p> <p>Caçando este a irá por toda vila Té que a terá remessa pelo Inferno, Lá donde Inveja prima demitiu-a.</p> <p>Onde eu por teu melhor discirno e externo Que tu me sigsd, e me por guia haverás Daqui te trarei para espaço eterno;</p> <p>Lá estridos desesperados ouvirás, Verás antigos espíritos dolentes, Qu'a morte gritam eles segunda verás;</p> <p>Notarás quantos por lá são contentes No fogo, porque esperam de então ir, Quando que seja, às beatas gentes.</p> <p>Às quais, pois, se queres ir, Com alma subirás que eu mais dina, Co'ela te deixarei quando de ti partir,</p> <p>Que aquele imperador que lá reina, Porque rebelde fui ao que nos lege, Por mim, no que é seu, não quer que se venha.</p> <p>Em toda parte impera, e aqui rege, Aqui é a sua cidade, seu alto sólio, Felizes quantos Ele por cá elege!</p> <p>E eu a ele: "Eu, poeta, a ti imploro, Por esse Deus que tu não conheceste, Que deste mal e pior eu corra fora,</p>	<p>Vedi la bestia per cu' io mi volsi; aiutami da lei, famoso saggio, ch'ella mi fa tremar le vene e i polsi».</p> <p>«A te convien tenere altro viaggio», rispuose, poi che lagrimar mi vide, «se vuo' campar d'esto loco selvaggio;</p> <p>ché questa bestia, per la qual tu gride, non lascia altrui passar per la sua via, ma tanto lo 'mpedisce che l'uccide;</p> <p>e ha natura sì malvagia e ria, che mai non empie la bramosa voglia, e dopo 'l pasto ha più fame che pria.</p> <p>Molti son li animali a cui s'ammoglia, e più saranno ancora, infin che 'l veltro verrà, che la farà morir con doglia.</p> <p>Questi non ciberà terra né peltro, ma sapienza, amore e virtute, e sua nazione sarà tra feltro e feltro.</p> <p>Di quella umile Italia fia salute per cui morì la vergine Cammilla, Eurialo e Turno e Niso di ferute.</p> <p>Questi la caccerà per ogne villa, fin che l'avrà rimessa ne lo 'nferno, là onde 'nvidia prima dipartilla.</p> <p>Ond' io per lo tuo me' penso e discerno che tu mi segui, e io sarò tua guida, e trarrotti di qui per loco eterno;</p> <p>ove udirai le disperate strida, vedrai li antichi spiriti dolenti, ch'a la seconda morte ciascun grida;</p> <p>e vederai color che son contenti nel foco, perché speran di venire quando che sia a le beate genti.</p> <p>A le quai poi se tu vorrai salire, anima fia a ciò più di me degna: con lei ti lascerò nel mio partire;</p> <p>ché quello imperador che là sù regna, perch' i' fu' ribellante a la sua legge, non vuol che 'n sua città per me si vegna.</p> <p>In tutte parti impera e quivi regge; quivi è la sua città e l'alto seggio: oh felice colui cu' ivi elegge!».</p> <p>E io a lui: «Poeta, io ti richieggo per quello Dio che tu non conoscesti, a ciò ch'io fugga questo male e peggio,</p>
--	--

Que tu me guies lá, ou onde tu me disseste,
Tal que ante a porta de São Pedro seja,
E os tanto mestos veja que estendeste.

Ora se move, para que eu lhe após seja.

che tu mi meni là dov' or dicesti,
sì ch'io veggia la porta di san Pietro
e color cui tu fai cotanto mesti».

Allor si mosse, e io li tenni dietro.

CANTO NONO

Quel color che viltà di fuor mi pinse
veggendo il duca mio tornare in volta,
più tosto dentro il suo novo ristrinse.

Attento si fermò com' uom ch'ascolta;
ché l'occhio nol potea menare a lunga
per l'aere nero e per la nebbia folta.

«Pur a noi converrà vincer la punga»,
cominciò el, «se non... Tal ne s'offerse.
Oh quanto tarda a me ch'altri qui giunga!».

I' vidi ben sì com' ei ricoprese
lo cominciar con l'altro che poi venne,
che fur parole a le prime diverse;

ma nondimen paura il suo dir dienne,
perch' io traeva la parola tronca
forse a peggior sentenza che non tenne.

«In questo fondo de la trista conca
discende mai alcun del primo grado,
che sol per pena ha la speranza cionca?».

Questa question fec' io; e quei «Di rado
incontra», mi rispuose, «che di noi
faccia il cammino alcun per qual io vado.

Ver è ch'altra fiata qua giù fui,
congiurato da quella Eritón cruda
che richiamava l'ombre a' corpi sui.

Di poco era di me la carne nuda,
ch'ella mi fece intrar dentr' a quel muro,
per trarne un spirto del cerchio di Giuda.

Quell' è 'l più basso loco e 'l più oscuro,
e 'l più lontan dal ciel che tutto gira:
ben so 'l cammin; però ti fa sicuro.

Questa palude che 'l gran puzzo spira
cigne dintorno la città dolente,
u' non potemo intrare omai sanz' ira».

E altro disse, ma non l'ho a mente;
però che l'occhio m'avea tutto tratto
ver' l'alta torre a la cima rovente,

dove in un punto furon dritte ratto
tre furie infernal di sangue tinte,
che membra feminine avieno e atto,

e con idre verdissime eran cinte;
serpentelli e ceraste avien per crine,
onde le fiere tempie erano avvinte.

E quei, che ben conobbe le meschine
de la regina de l'eterno pianto,
«Guarda», mi disse, «le feroci Erine.

CANTO NONO

Aquela cor de que vergonha me tingiu,
Vendo o mestre meu volver da luta,
Mui breve a sua em si restringiu.

Atento estacou como homem que escuta,
Que o olho não podia longe estender,
Pelo ar escuro e pela névoa bruta.

"Pois a nós convirá a pugna vencer!
Se não... tal não se nos ofrecia...
Aí, quanto tarda a mi aquele aqui volver."

E vi bem como ele então recobria
O princípio co'a fala que seguiu,
Que verbo foi diverso ao que dizia.

E não me rendeu medo o que proferiu,
Porque retive a palavra cesa,
Como sentença pior que despediu.

"Neste pelago do fundo abismo,
Desceu jamais algum do grau primeiro,
Que só por pena há a esperança em cismo?"

Esta questão lhe fiz; e ele: "Aventureiro
De raro se vê, disse, que de nós
A via percorra por que vou inteiro.

É vero que outra vez aqui me pôs
A crua Eurítón que me fez jurado,
A que refazia quanto Morte decompôs.

Há pouco era de mim a carne escamada,
Quando ela me impingiu entrar o muro,
Por alma trazer de Juda a camada,

Esta é baixa, e lugar demais escuro,
E antípoda do Céu que tudo manda:
Bem sei o caminho, ora te faz seguro.

A palude, que o grão fedor emana,
Entorno cinge a cidade dolente,
Onde entrar se nos veda por ira ufana."

E mais disse, mas não o tenho em mente,
Porque a meus olhos tudo me encobre
Encima ver a alta torre ardente,

Onde num ponto guiadas se descobrem
Três Fúrias Infernais de sangue tintas,
Cujos membros feminis não se encobrem.

Estas hidras verdíssimas restringem,
Cerastes e serpentes iam nos cabelos,
Onde as ferozes faces mui se cingem.

E aquele que conhece com desvelo
As vassalas da rainha do eterno pranto,
"Vê, disse, as Erínias de iroso velo".

<p>Quest' è Megera dal sinistro canto; quella che piange dal destro è Aletto; Tesifón è nel mezzo»; e tacque a tanto.</p> <p>Con l'unghie si fendea ciascuna il petto; battensi a palme e gridavan sì alto, ch'i' mi strinsi al poeta per sospetto.</p> <p>«Vegna Medusa: sì 'l farem di smalto», dicevan tutte riguardando in giuso; «mal non vengiammo in Tesèo l'assalto».</p> <p>«Volgiti 'n dietro e tien lo viso chiuso; ché se 'l Gorgón si mostra e tu 'l vedessi, nulla sarebbe di tornar mai suso».</p> <p>Così disse 'l maestro; ed elli stessi mi volse, e non si tenne a le mie mani, che con le sue ancor non mi chiudessi.</p> <p>O voi ch'avete li 'ntelletti sani, mirate la dottrina che s'asconde sotto 'l velame de li versi strani.</p> <p>E già venìa su per le torbide onde un fracasso d'un suon, pien di spavento, per cui tremavano amendue le sponde,</p> <p>non altrimenti fatto che d'un vento impetüoso per li avversi ardori, che fier la selva e sanz' alcun rattento</p> <p>li rami schianta, abbatte e porta fori; dinanzi polveroso va superbo, e fa fuggir le fiere e li pastori.</p> <p>Li occhi mi sciolse e disse: «Or drizza il nerbo del viso su per quella schiuma antica per indi ove quel fummo è più acerbo».</p> <p>Come le rane innanzi a la nimica biscia per l'acqua si dileguan tutte, fin ch'a la terra ciascuna s'abbica,</p> <p>vid' io più di mille anime distrutte fuggir così dinanzi ad un ch'al passo passava Stige con le piante asciutte.</p> <p>Dal volto removea quell' aere grasso, menando la sinistra innanzi spesso; e sol di quell' angoscia pareo lasso.</p> <p>Ben m'accorsi ch'elli era da ciel messo, e volsimi al maestro; e quei fé segno ch'i' stessi queto ed inchinassi ad esso.</p> <p>Ahi quanto mi pareo pien di disdegno! Venne a la porta e con una verghetta l'aperse, che non v'ebbe alcun ritegno.</p>	<p>Esta é Megera, de sinistro canto, Aquela é Aleto, que à destra chora, Tesífone é no meio; calou entanto.</p> <p>Com as unhas seu peito se deflora, Batiam-se, e bradavam tão alto, Que me cheguei ao poeta sem demora.</p> <p>"Venha Medusa, assi os faça basalto, Vociferavam todas baixo olhando, Mal não vingamos de Teseu o assalto!"</p> <p>"Volve-te em ti, e a vista vai cerrando, Que se Górgon se mostra, e tu a visse, De tornar acima já vás desesperando."</p> <p>O próprio mestre desta sorte disse, E não se fia em mim, mas com a sua mão Me cerra a vista, para que a não visse.</p> <p>Ó vós que tendes o intelecto são, O senso disso vede que se esconde, Sob este véu em que meus versos vão.</p> <p>Mas já das turvas ondas ali responde Um fracasso dum som em pleno espavento, Que ambas espáduas sofrem donde.</p> <p>Não doutro modo feito como vento, Impetuoso por ardores vários, Que fere a selva, e sem impedimento</p> <p>Os ramos rompe, abate em modos vários. Avante pulveriza e vai soberbo; E fera e pastor faz fugir temerários.</p> <p>O olhar me fende e diz: "Estende o nervo Da vista sobre a espuma antiga, Por donde o fumo emana mais acerbo."</p> <p>Assi como da rã ante a serpe imiga Pel'água se reparte a plebe unida Até que à Terra seca toda s'abriga.</p> <p>Vi espíritos em mais de mil destrutos, Fugindo diante dum que o passo Cortava Estige com os pés enxutos.</p> <p>Do vulto removía o ar, que era baço, A esquerda muito em meneios desferindo; E só por essa angústia se via lasso.</p> <p>Bem ali vi que ele era do Céu vindo, Voltei-me ao mestre, que sinal retem Que quieto ficasse em sendo advindo.</p> <p>Ai quanto parecia pleno de desdém! Veio a porta e com uma varita A abriu, e nada que o resista tem.</p>
--	---

<p>«O cacciati del ciel, gente dispetta», cominciò elli in su l'orribil soglia, «ond' esta oltracotanza in voi s'alletta?</p> <p>Perché recalcitrare a quella voglia a cui non puote il fin mai esser mozzo, e che più volte v'ha cresciuta doglia?</p> <p>Che giova ne le fata dar di cozzo? Cerbera vostro, se ben vi ricorda, ne porta ancor pelato il mento e 'l gozzo».</p> <p>Poi si rivolse per la strada lorda, e non fé motto a noi, ma fé semblante d'omo cui altra cura stringa e morda</p> <p>che quella di colui che li è davante; e noi movemmo i piedi inver' la terra, sicuri appresso le parole sante.</p> <p>Dentro li 'ntrammo sanz' alcuna guerra; e io, ch'avea di riguardar disio la condizion che tal fortezza serra,</p> <p>com' io fui dentro, l'occhio intorno invio: e veggio ad ogni man grande campagna, piena di duolo e di tormento rio.</p> <p>Sì come ad Arli, ove Rodano stagna, sì com' a Pola, presso del Carnaro ch'Italia chiude e suoi termini bagna,</p> <p>fanno i sepulcri tutt' il loco varo, così facevan quivi d'ogne parte, salvo che 'l modo v'era più amaro;</p> <p>ché tra li avelli fiamme erano sparte, per le quali eran sì del tutto accesi, che ferro più non chiede verun' arte.</p> <p>Tutti li lor coperchi eran sospesi, e fuor n'uscivan sì duri lamenti, che ben parean di miseri e d'offesi.</p> <p>E io: «Maestro, quai son quelle genti che, seppellite dentro da quell' arche, si fan sentir coi sospiri dolenti?».</p> <p>E quelli a me: «Qui son li eresiarche con lor seguaci, d'ogne setta, e molto più che non credi son le tombe carche.</p> <p>Simile qui con simile è sepolto, e i monumenti son più e men caldi». E poi ch'a la man destra si fu volto,</p> <p>passammo tra i martiri e li alti spaldi.</p>	<p>"Ó despejo do Céu, ó gente maldita, Começou ele na entrada da cidade, Onde este orgulho em vós se excita?</p> <p>Por que recalcitrar contra a vontade Da qual não pode o fim jamais cindir E que a dor vos já cresceu em que em vão vades?</p> <p>Quanto ganhais em princípios resistir? Memorai o vosso Cérbero que porta Imberbes queixo, manto, aqui a languir."</p> <p>Depois tornou pela estrada morta, Não fez moção a nós, mas fez semblante De homem que outra coisa cuida e porta,</p> <p>Que aquela de quem lhe vai diante. E nós os pés movemos vendo a terra, Seguros graças ao anjo instante.</p> <p>Dentro ali entramos sem nenhuma guerra; E eu que tinha de examinar ans'io A situação que o negro forte encerra,</p> <p>Assi que ali entrei a vista entorno envio, E vejo a toda mão o germe humano Pleno de dor; e ali de tormento um rio.</p> <p>Já como em Arles, onde morre Rodano, Já como em Polo perto de Carnário, Que Itália fecha e lança os fins em banho,</p> <p>Resolvem os sepulcros o ermo vário, Assi tornavam aqui por toda parte, Salvo que o modo era mais amaro;</p> <p>Que pelas tumbas flamas se repartem, Pelas quais ardiam de todo acensos, Que ferro nunca pediu doutra arte.</p> <p>Todos os toldos seus eram suspensos, E fora se espargiam lamentos ingentes, Que bem se viam míseros e ofensos.</p> <p>E eu: "Meu mestre que são estas gentes, Que sepultadas dentro destas arcas Fazem-se ouvir com os suspiros dolentes?"</p> <p>E ele a mim: "Aqui são os heresiarcas Co'os seus sequazes, mas com outros muitos, Que não crês, são dos féretros as cargas.</p> <p>Juntos aqui vão os símiles sepultos, E os monumentos ígneos crepitam." Depois que à mão destra deu seu vulto,</p> <p>Os flancos passamos, entre os que hesitam.</p>
--	---

GIOVANNI BOCCACCIO

Decameron

Novella Terza.

Melquisedeque judeu, com uma novela de três anéis, um grande perigo cessa a Saladino o guarnecendo.

Depois que, confiada em todas as novelas de Neifile, ela se cala, como à rainha agrada, Filomena assim começou a falar:

Da novela de Neifile dita retorna-me à memória o duvidoso caso já ocorrido a um judeu. Pelo que que já e de Deus e da verdade de nossa fé é muito bem ter sido dita, o discernimento ora dos sucessos dos homens e dos atos dos homens não se deverá desdizer; e sobre aqui narrar aquela verdade, a qual ouvida, talvez mais cautamente tornassem as respostas às questões que aqui fossem feitas. Vós deveis, amorosos companheiros, saber que, assim como a estultice vezes várias trai outrem de seu feliz estado e os mete em grandíssima miséria, assim o saber dos grandíssimos perigos trai o sábio e o depõe em grande e seguro repouso. E que verdade seja que a estultice de bom estado em miséria outrem conduza, o que por exemplos muitos se vê, os quais não confia ao presente o nosso cuidado de memorar, tendo cuidado que todos os mil exemplos aqui rendemos manifestos. Mas que o senso da consolação seja razão, como prometi, para uma novelinha brevemente o mostrarei.

Saladino, cujo valor foi tanto que não apenas de pequeno homem o fez de Babilônia o soberano, mas ainda muitas vitórias sobre os reis sarracenos e cristãos o fez haver, tendo em diversas guerras e na sua grandíssima magnificência disposto todo o seu tesouro e, por algum acidente vindo-lhe necessitar uma boa quantidade de dinheiro, não vendo donde de modo tão ligeiro o que lhe desejavam ter pudesse, veio-lhe à memória um judeu rico, cujo nome era Melquisedeque, o qual emprestava à usura em Alexandria, e cuidara que o tal o havia de servir quando o quisesse; mas tanto era avaro o judeu que de sua vontade jamais o fizera, e força não o movia a querer fazê-lo. Pelo que, afagando-lhe a necessidade, revolvendo-se todo a buscar modo por que o judeu o servisse, apercebeu-se de fazer-lhe violência por alguma razão colorida. E fazendo-o chamar e receber familiarmente, consigo fez-se sentar e presto disse:

– Homem valente, eu tenho de muitas pessoas conhecido que és sábio, e nas coisas de Deus avante muito percebes. Pelo que, de boa vontade, saberei de ti quais das três leis a verdade reputas, a judia, a sarrecena ou a cristã.

O judeu, o qual era verdadeiramente homem sábio, rápido descobre que Saladino cuidava de ganhá-lo com as palavras, para o poder mover a alguma questão, e pensou que não podia uma dessas três mais do que a outra louvar, que Saladino não tivesse para cada sua intenção. Pelo que, como o outro parecia ter urgência de resposta, pela qual imóvel não podia ficar, aguçando o engenho, rápido lhe vai avante aquilo que devesse dizer, e disse:

– Senhor meu, a questão que me fazes é bela, a querer-te dizer quanto penso, aqui me convém dizer-te uma novelinha, a qual ouvirás.

– Se eu não erro, recordo-me de ter muitas vezes ouvido dizer que um grande homem e rico foi já, o qual, entre as jóias mais caras que em seu tesouro tivesse, estava um anel bellissimo e precioso; ao qual, por seu valor e por sua beleza, querendo honrar e em perpétuo deixá-lo aos seus descendentes, ordenou que aquele de seu filho pelo qual, tal como herdado, fosse o anel encontrado, que este entendesse ser sua herança e fosse por todos outros honrado e venerado.

– E aquele dos quais foi deixado o anel ordenou de modo semelhante aos seus descendentes, e assim fez como feito havia seu predecessor; e breve andou aquele anel de mão em mão a muitos sucessores, e ultimamente veio às mãos de um, o qual tinha três filhinhos belos e virtuosos, e muito ao padre seu obedientes, pela qual coisa todos os três igualmente ele amava. E os jovens, os quais o costume do anel já conheciam, assim como possível ser de qualquer, o mais honrado entre eles, por si mesmo, como melhor sabia, rogava ao pai, o qual já era velho, que, quando a morte viesse, a ele o anel deixasse.

– O valente homem, que igualmente todos amava, não sabia a esse eleger ao qual mais rápido deixar deveria, pensou, havendo-o a todos prometido, de querer a todos três satisfazer; e secretamente a um bom mestre a eles fez fazer dois outros anéis, os quais foram semelhantes ao primeiro, que somente o próprio que os fizera conhecia qual dentre eles era o verdadeiro. E vindo a morte, secretamente deu o seu a cada um dos filhos. Os quais, depois da morte do pai, querendo todos a herança e a honra tomar, e um negando-as ao outro, isso fez em testemunho de dever razoavelmente todos apresentar fora o seu anel. E viram-se os anéis tão similares que descobrir qual fosse o verdadeiro não se podia, assim permaneceu a questão, qual fosse o verdadeiro herdeiro do pai, pendente, e ainda pendente.

– E assim te digo, senhor meu, das três leis aos três povos procedem de Deus Padre, das quais a questão propus-te: a cada a sua herança, a sua verdadeira lei e o seus mandamentos diretamente, se crês, haver e praticar; mas quem O tenha, como sobre os anéis, pende ainda a questão.

Saladino percebeu que otimamente esse fugira do laço que lhe havia posto diante. E por isso, determinou dizer-lhe sua necessidade e ver se ele o servir quisesse; e assim o fez, abrindo-lhe o que tinha de fazer, tão discretamente como se não o tivesse respondido.

O judeu liberalmente de toda a quantidade que Saladino demandou o serve; e Saladino depois inteiramente o satisfaz; e doutra feita lhe doou grandíssimos dons e sempre por seu amigo o teve e em grande e honrável estado perto de si o mantém.

Canto a los muertos, a los deberes y a los ideales

Canto aos mortos, aos deveres e aos ideais.

Para a Sra. Dona Eloísa Navarro Ledesma de Cubas.

O triste adamita¹ passa em abjeção pela vida arrastando-se a si mesmo de malgrado: vai carregado de dores e labores, e mais que carregado vai rendido sob a gravidade de um perene desencanto. As ilusões, as esperanças se lhe caíram, como guizos mal sustidos, na primeira jornada. Segue fazendo caminho como animal surdo, mercê dum impulso escuro, cego, impessoal. Um dia, entre o Sol que sai e não sai, chega sobre ele uma noite definitiva: sente-se abismado num descanso escuro, cego, impessoal. "Bebiotai! Bebiotai!", esse viveu, esse viveu — diziam então os gregos. Os amigos creem por um momento que são deixados sós: choram, à luz dum mesquinho Sol roxo lançam uns punhados de terra santa sobre o resíduo carnal, e logo se enxugam as bochechas. Por fim, advertem que o fenecido transpusera suas memórias, como nuvem no horizonte.

A história, por irremediável e velha, não nos interessa — dirá algum. Velha certo que o é, satânicamente velha, mas irremediável...?

Os grandes povos nasceram entorno das cinzas de seus mortos: Egito, Grécia, Roma formaram-se na religião dos defuntos: a energia dessas raças irradiava das urnas cinerárias, que na penumbra secreta dos lares andava latente em modo místico como corações imortais.

Os mortos não morrem por completo quando morrem: por largo tempo permanecem, largo tempo perambula por entre os vivos, que os amaram, algo incerto deles. Se por esta razão respiramos a plenos pulmões e abrimos as portas todas de nosso sentimentalismo, os mortos entram dentro de nós, fazem em nós morada, e agradecidos, como só os mortos sabem fazê-lo, deixam-nos em herança a prenhe aljava de suas virtudes.

Uma conjunção de venturosas circunstâncias tem feito a alguns homens imortais; mas não quer isso dizer que não devam sê-lo também outros. Em todo ser há uma virtude, quando menos, que tem direito à imortalidade. É injusto e imoral perguntar de um morto somente: Que fez? Deve-se perguntar também: Quem foi?

Este é precisamente o labor religioso imposto aos que conheceram e sentiram o ardor espiritual de alguns homens mortos fora do tempo e cujos esforços, corruptos por um error da sorte, permanecem eternamente projetados sobre o vazio como arcos incompletos, como imagens frustradas em que as linhas não se cumprem, as aduelas não se unem e se erguem os plintos sem estátuas.

Assim morreu Navarro Ledesma ao começar seu labor construtor; aí está o bloco de mármore branco, sobre este deu a inspirada mão alguns golpes de cinzel; umas confusas linhas marcam suspeitas de figuras poderosas, de braços com músculos estendidos, de torsos egrégios, de rostos sugestivos e enigmáticos. Porém o escultor está morto: a obra múltipla, profunda, sincera, educadora, evangélica, ora jaz para sempre inexplicada, perdida entre os pretos grãos de massa indiferente; então sobre esse mundo novo que ia a surgir cai a única maneira irremediável de morte: aquela de quem cai sem jamais nascer.

Dentro de alguns anos talvez pareça confuso a uma nova juventude tudo isso de que hoje lançamos algumas flores de lembrança entorno da memória de Navarro Ledesma. Sua obra, esparsa por todos os ventos em forma de escritos periodísticos, não é sua obra: aquele que queira sobre essas páginas compostas sem tempo, sem esperança e sem liberdade, erigir um juízo, comete uma injustiça. O tempo, a esperança e a liberdade são os três demiurgos que os intentos elaboram do poeta, e os três faltaram totalmente a Navarro Ledesma por uma conjunção de adversas circunstâncias.

Na história do pensamento aparecem ao melhor nomes antes os quais mostraram grandes respeito seus contemporâneos, mas que não deixaram obra sobre que nós outros possamos hoje reconstituir definidamente aquela alma venerável. Seja um exemplo Sócrates. Mas que coisa foi Sócrates? E vede o que temos de responder: Sócrates foi Platão e Xenofonte, Sócrates é um pouco de todos nós, que desde há vinte séculos vamos nascendo com alguns acordes socráticos dentro da harmonia equívoca de nosso espírito. Mas para nós outros, Sócrates é uma ideia que nos ensinou Platão, ao tempo que para este divino filósofo, Sócrates foi uma aventura. Melhor ainda: a aventura, aquele momento da vida individual que polariza, que cristaliza em forma decisiva o resto dessa vida individual.

Navarro Ledesma foi minha aventura. Tu, senhor leitor, lerás esta frase com indiferença, mas é que talvez não saibas floreios de abrolhos e de amarguras, que respiradouro de inquietudes, que cúmulo de anelos dolorosos, de dúvidas, de vacilos desesperados, de ambições impossíveis, constituem isso que chamaríamos a alma de um espanhol de vinte anos. Se o ignoras, nobre respeito te peço ante uma coisa que é para ti um mistério, e prometo que qualquer vez o tentarei iluminar.

Navarro Ledesma foi para mim uma aventura, porque coexistiam nele junto de uma agudíssima e incansável ideação as duas mais altas virtudes modernas: o cumprimento dos deveres escuros e o imarcerscível idealismo.

Conforme vai o homem vivendo mudam-se seus pensamentos, quebram-se seus projetos, outros entram em seu lugar, chegam e passam bramindo as paixões, alterando-se mil vezes as ambições, morrem os amigos e os irmãos, sobrevivem outros amigos e outros irmãos, tudo se estremece e oscila, transmuda-se e foge, renova-se e troca. Entanto uma só realidade permanece, uma só coisa está sentada tacitamente ao nosso lado e se caminhamos via faz com nós outros: o Dever, pardo, personagem vulgar sem história. Entanto que fora e dentro de nós sem cessar tudo muda, temos de cumprir com o nosso dever. Que dever? Esse belo dever de conquistar um reino, de fundar uma religião, de dizer

1 Como se chama aos seguidores do adamismo, antiga seita herética, em que os sequazes surgiam nus em reuniões públicas dissimulando a primeva inocência de Adão.

uma verdade atrevida? Não, não: esses são chamamentos únicos com que Deus afaga alguns homens e que no fundo os ensoberbecem. Falo do dever anônimo, do dever trocado em quartos, aquele deste instante que está diante de nós e aquele de todos os instantes. É esse dever sem flores e de frutos invisíveis, esse dever abrigado que forma o mais profundo sedimento sobre o qual se apoia todo o esplendor da vida social: o dever do trabalho. Navarro Ledesma, que intelectualmente dera a volta de todas as quintessências enfermas ou sábias da nova moral, cumpriu sabiamente, um dia e outro, com esses deveres escuros. Aqui tereis um exemplo de uma das sublimes virtudes democráticas. O antigo e conhecido campo do Dever é o lugar de lida e de façanhas para os modernos cavalheiros, e cumprir esse passo honroso da Obrigação, a mostra certa de virilidade moderna.

Há quem espere entrar no combate quando o rei está defendendo; há quem precise para escrever, como Buffon, alguns tragos de encaixe; há quem, como Ariosto, aquele filósofo galante que dissertava unicamente quando o levavam numa liteira. Há, em troca, quem trabalhe sempre que é preciso, donde queira e como queira.

Chama-se idealismo imarcescível à outra virtude que possuía eminentemente Navarro Ledesma. Tu, senhor leitor, bem sabes, não é certo, o que é um ideal? O mundo é como é: nós outros quiséramos que fosse de outra maneira, e nos apressamos por lográ-lo. Os homens são injustos; nós cremos que a justiça deve fazer entre os homens seu firme ninho de cegonha. Nós espanhóis somos fanáticos: tu e eu cremos que os espanhóis devem ser tolerantes. Ao mundo que é nos contrapomos um mundo que deveria ser. Sobre a realidade trabalhamos para fundar a idealidade. Este estado de ânimo em que a idealidade acha sempre amorosa ressonância é o que chamo idealismo. A mocidade é sempre idealista: nela o idealismo é fisiológico e tem escasso mérito. Porém todos os alentos nobremente excessivos por coisas ideais costumam esgotar-se antes dos trinta anos em raças cansadas e mulherengas como a nossa. A vida é, antes de tudo, uma faina de domesticação e de poda das ilusões; mas, por o mesmo, é preciso entrar por ela com pasto abundante de que se coma, como é preciso em quase todas enfermidades entrar roliço para que algo reste enfim. Uma injustiça suscita em um moço indignação, em um velho, nostalgia da indignação.

Navarro Ledesma sofrera muito, moral e fisicamente: sua mocidade se tinha submergido em um labor incessante e rigorosíssimo. Por isso, tendo-lhe faltado a juventude ardorosa, passional, turbulenta, conservou durante toda a vida uma juventude mais quieta, mais harmoniosa, mais de clara fonte risonha, pausada e fresca; manteve-se sempre capaz de indignação e de entusiasmo; teve, enfim, até a morte, sobre seu rosto largo e fortemente assentado nos ombros essa terna expressão com acentos melancólicos que se conservam no olhar das velhas virgens.

Que se nos esmaltem as desventuras de vidro, como ao que se tem por sábio, e não queiramos mover-nos para quebrar-nos. De ordinário, na dita experiência, mais que aprender novas verdades aprendemos o esquecimento dessas difíceis verdades eternas que nos impulsionam à guerra santa contra a realidade. Por isto surpreende falar algum homem em quem, sítio de largos anos de dor, perdure a exaltação idealista, a segunda virtude democrática, girondina. Nietzsche teria chamada a Navarro Ledesma como a si mesmo chamara: “Argonauta do ideal”.

Não reduzamos os mortos às obras que deixaram: isto é ímpio. Recolhamos quanto ainda resta deles no ar e revivamos suas virtudes.

Ressuscitemos os mortos virtuosos dentre os mortos!

El Imparcial, 14 de setembro de 1906.

O Logos Divino e a possibilidade universal.

Tudo quanto existe é possível antes de sua manifestação na realidade. Deste modo, podemos atrelar a cada ente individual uma possibilidade eterna, que independe de qualquer sucesso temporal, pois sendo necessariamente a possibilidade da existência eterna, incriada – pois para ser gerada ou criada precisaria de antemão ser possível –, podemos dizer que também é necessária a existência eterna de uma região que podemos chamar o “conjunto das possibilidades”, a qual já fora chamada por Frithjof Schuon de a “possibilidade universal”.

Contudo, latentes nesta região estão as possibilidades de manifestação e de não-manifestação, de moção e de inércia, isto para cada uma de todas as coisas, de modo que umas possibilidades invalidam as outras, e temos então a impossibilidade universal, e a partir desta região vacilante nada jamais poderia ter existido. Mas, o dado de realidade que todos temos é que as coisas existem, donde devemos presumir a influência de outro fator que não se infere simplesmente a partir da existência de qualquer ente individual. Talvez tenha sido a este fator que se referia Aristóteles quando discorreu a respeito do “motor imóvel”, um agente eterno que moveu o Universo sem precisar mover-se.

Ademais, jazendo na possibilidade universal estava a possibilidade da consciência humana, a qual não se encerra no Universo puramente material, mas tem algum toque nas formas que são essencialmente inteligíveis – como aquelas da matemática, da lógica, e as da própria metafísica, sobre que agora discorreremos. E, se a consciência era possível antes de existir, significa que a própria possibilidade universal é consciente, pois não poderia ela conferir algo que não possuísse. Se tal possibilidade não fosse consciente, não se poderia explicar como uma tal força surge e entende formas eternas, como as relações matemáticas, como faz-se consciente de si, como investiga o princípio do Universo quando da existência da mera potencialidade. Se há em nós tal capacidade que supera a matéria, pois abrange com sua força regiões imateriais da realidade, deve-se supor que força semelhante estava no princípio de todas as coisas, e que ela decidiu sobre a existência de cada uma delas.

Assim a partir da afirmação aristotélica do “motor imóvel” e da consideração da possibilidade da consciência humana, tomada do filósofo Olavo de Carvalho, pode-se afirmar a pessoalidade de nossa fonte, e deste modo alcançamos racionalmente a existência d’Aquele Ser cuja ação todos no fundo esperam, a existência de Deus. Mas, quanto ao conhecimento pessoal deste Ser por cada ser humano, por ser Ele na realidade infinito e eterno, e relacionar-se com seres finitos como nós, as Suas manifestações podem ter um caráter indicativo da grandeza que Ele é, e podem não expressar a totalidade de Seu Ser. E, por isso, enfim, as religiões de nosso mundo exigem de todos os seus sequazes fé, pois, tendo nós outros apenas indícios da infinitude, temos de crer naquilo que não vemos a partir dos sinais que temos; temos de ir do finito ao Infinito, e tal ato, por causa da deficiência de nossa inteligência, só se pode dar através da vontade, através de um ato de fé. E a fé é no Logos Divino, a quem os católicos chamam e adoram como Jesus Cristo.

A cultura e a liberdade humana.

Sem dúvidas o regionalismo histórico, ou social, precede o literário. Aristóteles dizia que nós raciocinamos a partir das imagens consolidadas na memória, de modo que há primeiro a percepção sensorial do objeto, depois a sua representação imagética, e enfim a consolidação ou estabilização da imagem na memória – e então conseguimos pensá-la. Por estas duas breves afirmações, podemos supor que o meio social dos escritores, com sua linguagem, expectativas, e reflexos espontâneos, preenche a sua imaginação de imagens, as quais aparecerão depois em obras literárias, donde o escritor representará como obra aquilo que lhe instilaram no pensamento.

Por essa breve explicação sobre a consolidação das imagens no imaginário, podemos antever o peso das influências do nosso meio social na deliberação individual acerca de qualquer assunto, pois todo o indivíduo delibera escolhendo entre as influências que se lhe sugerem no momento da deliberação, e na maior parte dos casos essas influências serão os modelos imaginários absorvidos durante a sua vida. Deste modo com a ação, de modo semelhante com a percepção: nós percebemos as coisas no mundo segundo aquilo que já temos na memória estabilizado.

Por isso, com efeito, podemos afirmar que a nossa região gaucha confere aos escritores modelos imaginários rudes, ou ainda informes, aos quais eles mesmos darão uma forma pensável, ou analisável, de modo que eles tornam, por expressarem de modo formoso o ar que todo o gaúcho respira, esse mesmo ar visível a todos que os lerem, como quando alguém chega a entender a sua condição física com a explicação de um médico. Portanto, daí afirmamos que a cultura regional dá modelos aos escritores, e estes tornam essa própria cultura mais clara e distinta para os que vivem nela, ou são influenciados por ela. Tendo afirmado isto, pensemos em como a nossa cultura regional pode conferir aos gaúchos um sentimento de pertença social, que nos parece ser fundamental para a formação de qualquer povo.

Especulemos a partir da seguinte pergunta: o que faz com que alguém se sinta parte de um povo? Território físico, conduta moral, expectativas finais, diríamos¹, e ainda o apego afetivo à cultura da região. A conduta moral certamente é influenciada por modelos imaginários, que são transmitidos por obras culturais e morais; as expectativas finais, são modelos imaginários anelados pelos indivíduos, transmitidos por imagens; e o apego afetivo à cultura depende ao menos da personalidade de cada um, da imersão nela e do tempo de exposição a ela. Tendo dito isto, podemos nos remeter à obra *O Tempo e o*

¹ Com conduta moral significamos o como proceder em cada situação da vida; com expectativas finais, aquilo que se deseja das coisas, como o que se deseja para a vida, para um casamento, ou o que é ser uma boa pessoa, etc..

35 *Vento*, e da sua representação fílmica assinalar os seguintes exemplos: (1) os valores ambicionados por um homem e o modo que ele deve proceder moralmente; (2) o peso das tradições familiares, como quando mataram Pedro, ou odiaram os Amaral; (3) e o vocabulário. O que causou, no fundo, a briga entre Bento Amaral e o capitão Cambará? Uma imagem comum de como o homem deve proceder socialmente: não deve "levar desaforo para casa". Nessa obra, vemos representada literariamente a influência da
40 cultura regional na inteligência humana -- por ela, se é capaz de matar outrem.

Diríamos, porém, mais genericamente, que a cultura nos dá os modelos imaginários, e todos nós fatalmente desejamos a partir daquilo que conseguimos conceber na imaginação, e as nossas ações são muito influenciadas também por esses modelos. Daí é que nos parece que a transmissão dos modelos imaginários às pessoas
45 de um povo é de grande importância para a conduta moral desse povo, e ainda para as suas ambições mais profundas e pessoais. Parece-nos, ademais, que os escritores regionalistas, por conseguirem dar uma forma imaginável às expressões espontâneas de um meio social, fomentam a criação de um conjunto imagético comum a todas as pessoas de uma região, de modo que eles concorrem para o desenvolvimento de um sentimento
50 de pertença a um povo.

Todavia, essa transmissão é feita antes pela conduta moral do que pelas obras literárias, de modo que o regionalismo social precede o regionalismo literário. Enfim, por um lado, um sistema moral e um conjunto de expectativas são coisa essencial para a formação de um povo, mas ambos devem existir antes que a obra literária, que os
55 representa, exista; e de outro, a obra literária torna pensável e portanto criticável aquilo que se absorveu por vivência nesse mesmo povo, de modo que uma pessoa, meditando a respeito das correntes que a influenciaram desde criança, pode chegar a uma certa independência pessoal e intelectual do meio que a influenciara.

Desse modo, assinalamos que o filme *O Tempo e o Vento* corrobora quanto
60 afirmamos: em primeiro lugar, o regionalismo social precede o literário, de modo que, como claramente vemos no filme, antes há um sistema moral comum ao povo, e um conjunto de expectativas, do que a obra artística a respeito; em segundo lugar, a obra, como esse mesmo filme, ajuda-nos a analisar aquilo que vivemos, como quando percebemos mais acuradamente os detalhes de uma paisagem se vemos uma fotografia
65 dela, ou uma pintura.

Acrescentamos, enfim, que, como desejamos e pensamos a partir da imaginação, e agimos muito influenciados por seus modelos, a liberdade individual depende do conhecimento -- e daí a cultura torna-se ou libertadora, ou uma prisão.